

USO DE HORTAS ORGÂNICAS: DE UMA FERRAMENTA LÚDICA PARA APRENDIZAGEM A (RE) CONSCIENTIZAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTOS MAIS SAUDÁVEIS

Espedito Dos Santos Junior¹, João Antônio da Silva Fernandes¹, Marcos André Dos Santos²,
Marcos Paulo De Oliveira Sobral³,

¹Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail: lpjunnyor@gmail.com

¹Universidade federal de Alagoas – UFAL. E-mail: atr_17_joao@yahoo.com.br

²Universidade federal de Alagoas – UFAL. E-mail: marcos.derst@gmail.com

³Universidade Federal de Alagoas - UFAL. E-mail: socramsobral@gmail.com

Introdução:

O presente projeto surge das demandas sociais pelo consumo de alimentos mais saudáveis que lançam mão do uso de agrotóxicos em sua produção, onde para se contornar a ingestão de tais alimentos surge como alternativa a criação de Hortas Orgânicas, para a produção de alimentos que não provoquem complicações a saúde humana.

Historicamente as demandas por sustentabilidade advém da realização da Comissão Mundial das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1983, que teve como resultado a produção do Relatório "Nosso Futuro Comum" publicado em abril de 1987, documento esse que ficou conhecido como “Relatório Brundtland”, que formalizou o conceito de desenvolvimento sustentável e o tornou conhecido do público, sendo que mais tarde viria servir de fundamento para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), realizada no Rio de Janeiro em 1992. O encontro foi um marco internacional, que reconheceu o desenvolvimento sustentável como o grande desafio dos nossos dias.

Desde então a demanda ambiental é um dos temas mais debatidos por ser um problema que afeta o destino da humanidade culminando na mobilização tanto de governos, quanto da sociedade civil, sobretudo no tocante a temática do desenvolvimento sustentável, revelando-se de grande importância para a formação do sujeito consciente, que possui papel fundamental em termos de conhecimento e de informações das consequências da devastação ambiental para o futuro das gerações futuras, e quem sabe, desta geração, assim como afirma Grimone (2012):

Uma das formas de contribuição do cidadão para o desenvolvimento sustentável é o consumo consciente. O consumidor, atuando de maneira responsável, pode diminuir o desperdício, diminuindo a utilização de recursos naturais como a água, participar do reuso dos materiais através da coleta seletiva, incentivar a agricultura familiar e orgânica, adquirindo produtos da localidade onde vive, e principalmente controlando o impulso de consumir, refletindo mais sobre a real necessidade de se adquirir determinada mercadoria.

Tendo em vista que a cada dia que passa somos bombardeados por informações que sem precedentes invadem nossas casas tentando instaurar que estamos consumindo alimentos saudáveis, mas a verdade não é bem essa na realidade. A utilização dos agrotóxicos em alimentos não é algo recente, porém com as últimas discussões e aprovações de um maior

nível destes insumos nas lavouras, passou-se a ter um olhar mais criterioso e interessado sobre o assunto. Uma vez que segundo o Censo agro 2017, o qual aponta que de 2006 a 2017 houve um crescimento de 20,4% na utilização de agrotóxicos.

Perguntas sobre riscos e danos de se ter uma alimentação repleta de algo tão perigosa serviu de cunho para o interesse de muitos com a possibilidade de terem sua fonte de vegetais em sua própria casa, como é o caso das hortas domésticas. É importante de se destacar que o cultivo orgânico aspire para alguns uma certa involução, mas para Ormond (2002) a retomada de formas de cultivo da terra e de algumas antigas práticas rurais, ao contrário do que possa parecer, não é um retorno ao passado, mas uma visão de futuro que visa recuperar o domínio do conhecimento e da observação sobre o processo produtivo agropecuário.

Na esfera educativa, tem-se assistido à formação de um consenso sobre a necessidade de problematização dessa questão em todos os níveis de ensino (CARVALHO, 2008), temáticas relacionadas a práticas de sensibilização e consciência ecológica precisam ser cada vez mais trabalhadas de forma transversal e estar presentes no ambiente escolar de maneira participativa e permanente, onde trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes (PCN, 1997). No tocante aos dispositivos legais o Art. 10 da Lei nº 9.795/ de 27 de abril de 1999, que discorre sobre a educação ambiental, e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências:

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

§ 1º A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.

§ 2º Nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica.

§ 3º Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente e Saúde (1997):

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais os conteúdos de Meio Ambiente foram integrados às áreas, numa relação de transversalidade, de modo que impregne toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, crie uma visão global e abrangente da questão ambiental, visualizando os aspectos físicos e histórico-sociais, assim como as articulações entre a escala local e planetária desses problemas.

Fica claro aqui que às ações em âmbito educacional desenvolvidas no espaço escolar, com o intuito de promover a educação ambiental, precisam estar integradas em todos os níveis e modalidades de ensino, objetivando a conscientização para a preservação do meio ambiente e utilização de forma a causar menos impacto. Estabelecendo por educação ambiental o conjunto de ações pelas quais o sujeito e a coletividade constroem competências para o desenvolvendo sustentável.

Dentre as práticas que vêm sendo desenvolvidas e aplicadas no ambiente escolar cujo objetivo é a promoção da educação ambiental, que garanta uma integralidade e permanência de tais conceitos, é a construção de hortas orgânicas. Elas têm o potencial de estar correlacionadas com disciplinas que envolvam temática das ciências como conceitos sobre fotossíntese, trocas gasosas, componentes do solo, relação agrícola do campo com a cidade, o consumo de alimentos saudáveis e as implicações do consumo de alimentos que utilizam agrotóxicos em sua produção, tanto para alunos que cursam o ensino fundamental e médio. É possível assimilar tais perspectivas, que quando incluídas na escola, promovem uma educação não só alimentar, como também ambiental ao promover uma aproximação e interação com o meio ambiente.

Além da promoção desta alimentação mais saudável, através do cultivo de hortaliças, também é possível estabelecer uma sensibilização coletiva no que diz respeito a educação ambiental, pois aquele aluno além de passar a ter contato próximo desde o cultivo, passará a conhecer métodos e formas de cultivos, onde muitas das vezes, ele não tinha consciência da forma pela qual o que consumia chegava até sua casa.

Perante disso a criação e ensino de hortas orgânicas, se mostra um mecanismo eficaz para se trabalhar com os alunos a temática do consumo de alimentos mais saudáveis que dispensam o uso de agrotóxicos ou outras substâncias em sua produção. Como também trabalhar a questão da qualidade nutricional dos produtos convencionais (não orgânicos). Williams (2002) aponta que em alimentos orgânicos são encontradas superiores quantidades de proteínas, vitamina C, cálcio, magnésio e ferro quando comparados com produtos cultivados com agrotóxicos, quando em oposição a isto, aqueles que valem-se de produtos apresentam apenas superiores quantidades de Nitratos e Nitritos provindos dos compostos presentes neles que são utilizados para aumentar de forma rápida a produtividade.

No que se refere à produção e consumo dos alimentos pelos próprios alunos, é possível não somente a inclusão de alimentos livres de agrotóxicos, como o consumo de alimentos mais nutritivos, já que os alunos podem iniciar o cultivo de seus próprios alimentos e os consumirem de forma mais saudável, sem que haja a preocupação com problemas advindos do consumo de tais alimentos. Para Morgado e Santos (2008) a horta quando implantada nas escolas possui aportes para a educação alimentar e ambiental por constituir-se num laboratório vivo, que possibilita a práxis de forma contextualizada.

Vale ainda ressaltar que a implantação desse modelo educacional tem se mostrado eficaz nas escolas, onde diversos estudos evidenciam as potencialidades de canteiros orgânicos construídos pelos alunos, já que as práticas em torno das hortas têm o potencial de estimular a ludicidade, a partir do momento que o estudante participa das atividades lúdicas a aula se torna mais desejável e não apenas algo obrigatório. Segundo RONCA (1989, p. 27):

O movimento lúdico, simultaneamente, torna-se fonte prazerosa de conhecimento, pois nele a criança constrói classificações, elabora sequências lógicas, desenvolve o psicomotor e a afetividade e amplia conceitos das várias áreas da ciência.

A criação da horta orgânica pode ser uma ferramenta capaz de trazer uma metodológica que contribui para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem, sendo essa [...] um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a sociabilização, sendo, portanto reconhecidos como

uma das atividades mais significativa - senão a mais significativa - pelo seu conteúdo pedagógico social (OLIVEIRA, 1985, P.74).

Metodologia:

Para a realização dos trabalhos empregaremos o modelo de Pesquisa-Ação, uma vez que além de ser uma técnica de pesquisa, também é uma forma de engajamento sócio-político que exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e as pessoas envolvidas no estudo da realidade em um formato participativo, onde a participação dos pesquisadores é especificada dentro do processo de conhecer as realidades, com os devidos cuidados necessários para que haja reciprocidade por parte das pessoas envolvidas e que têm algo a dizer.

Ao mesmo tempo a Pesquisa-Ação não se trata de um simples levantamento de dados, mas sim de um método que agrega várias técnicas de pesquisa social, utilizando-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, assim como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva, que segundo Thiollent (1985):

[...] é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

O projeto será realizado em dois momentos, o primeiro a ser realizado com uma aula expositiva sobre o consumo de alimentos saudáveis. E o segundo com a criação dos canteiros que objetivamos utilizar conceitos e técnicas da Agroecologia para organização, tais como compostagem e vermicompostagem (minhocas), plantas leguminosas para cobertura de solo e fixação de nitrogênio e cobertura morta (ALTIERI, 2003). A escolha pela Agroecologia se dá pelo fato que entre as práticas alternativas ao modelo tradicional de agricultura, baseada numa concepção industrial resultante de um processo histórico caracterizado pelos preceitos trazidos pela chamada revolução verde, a agroecologia, apresenta vantagens que se complementam com enfoques convencionais mais conhecidos, assim como afirma Norgaard (1989, p.47):

A agroecologia se fundamenta em uma base epistemológica distinta dos princípios da tradicional ciência ocidental. O paradigma agrônômico tradicional considera o desenvolvimento da agricultura e dos agricultores a partir da difusão de tecnologias cientificamente validadas. O paradigma agroecológico procura entender as bases ecológicas que fundamentam os sistemas agrícolas tradicionais para, a partir daí, desenvolver uma agricultura moderna mais sustentável.

A escolha dos cultivos se dará de acordo com a necessidade da escola, já que os produtos obtidos nas hortas, cultivados no espaço escolar, serão utilizados na alimentação dos alunos, planejamos plantar sementes e mudas agroecológicas como alface, coentro, cebolinha, e os participantes ficaram responsáveis não só pela construção como também pelo seu manejo até a colheita. Além do fato que todo processo se dará de forma a garantir que contribua para a demanda curricular dos professores, que podem usar da construção e manutenção da horta para auxiliar no processo de ensino das disciplinas presentes na grade curricular. Para avaliar

a aceitação por parte dos alunos e as potencialidades das hortas se objetiva a realização de entrevistas centradas na análise das narrativas dos sujeitos pesquisados.

Resultados e discussões:

Após desenvolver estudos e trabalhos na área temática sobre manejo de hortas orgânicas como o intuito da promoção ambiental e (re) educação alimentar, pretendemos avaliar a aceitação por parte dos alunos e as potencialidades da implantação como ferramenta para o desenvolvimento da temática da Educação Ambiental, como também uma (re) conscientização sobre uma alimentação mais saudável, que é possível buscar alternativas para isso, e as mesmas podem ser praticadas no ambiente escolar, com a participação dos mesmos neste processo. Buscamos investigar qual a compreensão levou os estudantes a uma possível mudança de postura, através dos relatos e comentários entre eles sobre o ato de terem participado da construção da horta, e o que se mostrou de interessante neste processo.

As ações que serão empreendidas ao longo do projeto permitirá a realização de estudos e construto para o nosso processo de formação acadêmica na área da licenciatura, como também contribuir positivamente para o desenvolvimento dos educandos em seus aspectos físico, social, cognitivo e afetivo. Que com a criação e aplicação da aula expositiva haja a (re) sensibilização dos alunos sobre o uso dos agrotóxicos, e tornando-os possíveis agentes informativos dos riscos da utilização dos mesmos e os problemas de saúde acarretados pelo seu uso, expondo a importância de se ter uma alimentação mais saudável com o consumo de alimentos produzidos de forma natural. O projeto além de dar vazão aos discursos, dizeres e saberes da realidade observada, também contribui para formação de um discurso que se constrói dentro de uma temática de consciência ambiental.

Conclusão:

Contudo, espera-se que durante o processo de execução dos trabalhos, como também ao final do mesmo, possamos compreender como os sujeitos reagem ao desenvolvimento de experiências lúdicas de ferramentas que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem. Promovendo momentos de interação e socialização entre os discentes, possibilitando a eles uma aproximação entre o vivido e o estudado, sobretudo no tocante ao consumo de alimentos que não fazem uso de agrotóxicos em sua produção.

Espera-se assim que a utilização do lúdico, no processo de construção e manutenção da horta, como alternativa metodológica para apresentar os conteúdos, seja fundamental para despertar o interesse de todos em desempenhar as atividades propostas uma vez que cada atividade foi pensada e planejada para atender o objetivo final de forma agradável e prazerosa por parte dos educandos. Sendo que a proposta de se trabalhar o lúdico tem como intuito propor uma aula dinâmica e diferente, mas que também faça parte do cotidiano dos educandos cuja a ideia, nesse Projeto, seja a (re) construir essa visão com atividades pautadas na ludicidade.

Referências:

ALTIERI, M. A.; SILVA, N. E.; NICHOLLS, C. I. **O papel da biodiversidade no manejo de pragas**. Ribeirão Preto: Editora Holos Ltda, 2003

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEB, 1997.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.

GRIMONE, Marcos Ângelo. **O conceito jurídico de direito sustentável no Brasil**. Curitiba: Juruá, 2012.)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: < <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>>. Acesso em: 08 set. 2018.

MORGADO, F. S; SANTOS, M.A.A. **A horta escolar na Educação Ambiental e Alimentar**: experiência no projeto horta viva nas escolas municipais de Florianópolis. EXTENSIO – Revista Eletrônica de Extensão. Florianópolis, n.6, p.1-10. 2008. Disponível em: < http://www.rebrae.com.br/experiencias/A_horta_escolar.pdf >. Acesso em: 20 ago. 2018.

NORGAARD, R. B. **A base epistemológica da agroecologia**. In: ALTIERI, M. A. (Ed.) **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/Fase, 1989. p.42-8.

OLIVEIRA, V.M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RONCA P.A.C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Edisplan, 1989.

WILLIAMS, C.M. **Nutritional quality of organic food: shades of grey or shades of green?** Proceedings of the Nutrition Society (2002), N. 61, p. 19-24.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.